

O MEMORIAL DO ANGLO: EXPOSIÇÃO PARA VER, TOCAR E OUVIR

JOSSANA PEIL COELHO¹; FRANCISCA FERREIRA MICHELON²

¹Universidade federal de Pelotas – jopeil@ig.com.br

²Universidade Federal de Pelotas - fmichelon.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O texto apresenta parte dos resultados desenvolvidos no projeto de pesquisa “Expografia com desenho universal: experiências e possibilidades em museus do Brasil a partir do modelo do MCCB – Museu da Comunidade Concelhia da Batalha/Portugal” que comparou os recursos acessíveis empregados no museu português com equivalentes empregados em três museus brasileiros. O resultado da comparação evidenciou que o museu português reúne os recursos em um princípio que aqui se qualificou como o da “invisibilidade”, ou seja, embora os recursos sejam operativos e eletivos por públicos deficientes ou não, a expografia não os evidencia, de modo que o princípio possa ser o de um uso universal. Sendo assim, um visitante deficiente ou não pode usar os recursos da mesma forma, obtendo resultados quanto à comunicação suficientes para a fruição do museu. Concluiu-se que o diferencial nas propostas entre as experiências analisadas no Brasil e no museu português poderia ser empregado em um memorial da UFPel com vistas a aplicar o princípio do desenho universal ao espaço da exposição, mas, sobretudo, aos recursos comunicativos. A exposição sobre a qual se aplicou estes recursos oferece, destacadamente, duas dificuldades: o principal suporte informacional são fotografias e o conteúdo da matéria é majoritariamente histórico. Trata-se da exposição do Memorial do Anglo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), no prédio que hoje abriga a Reitoria e várias unidades acadêmicas e que foi edificado para ser o Frigorífico Anglo S/A, empresa de capital inglês que operou durante mais cinquenta anos e empregou milhares de pessoas, das quais uma parte ainda habita o entorno da antiga planta industrial. A iniciativa atenta-se e soma-se a outras que buscam qualificar o local como patrimônio industrial e um lugar de memória.

2. METODOLOGIA

O Memorial do Anglo é um espaço destinado durante a obra de adaptação do lugar para as funções da universidade no qual parte da estrutura do antigo frigorífico foi deixada à mostra. Assim, a exposição foi adequada ao lugar. Os recursos acessíveis objetivaram a recepção de públicos com deficiência visual, dificuldade de locomoção e surdez. O princípio do desenho universal foi aplicado no mobiliário e nos suportes comunicacionais de modo que a base conceitual empregada no MCCB fosse o determinante das opções elegidas. A exposição é composta por fotografias de três fotógrafos amadores, todos vinculados à Universidade, realizadas em momentos diferentes e por razões diversas, durante o período em que o Frigorífico ficou abandonado, ou seja, do seu fechamento até a aquisição pela UFPel. O conteúdo da exposição consiste nos resultados da pesquisa feita sobre esta fábrica e sobre o prédio, expostos em uma linha do tempo e em informações sobre a arquitetura da construção.

Para contemplar a parte histórica da exposição (linha do tempo, legenda e descrições das fotos) foi preciso além do levantamento de referencial teórico,

realizar entrevistas com ex-funcionários do frigorífico. Essas entrevistas foram transcritas, para facilitar na obtenção dos dados históricos.

A expografia empregou como conceito base o Desenho Universal, tal como aplica MACE (1991), que o define sendo a criação de ambientes e produtos que tenham uso garantido por todas as pessoas, da maneira mais extensa possível. Este autor aplica o conceito a projetos de objetos e espaços. No caso deste trabalho, com a mesma finalidade de por todos, o conceito foi aplicado aos suportes comunicativos museais. Assim, todo o suporte deveria conter a informação de tal modo que qualquer pessoa, independente de sua condição física ou sensorial, teria acesso ao conteúdo. O estudo comparativo obtido entre os resultados apresentados e testados no MCCB e alguns museus brasileiros, permitiu observar quando os recursos acessíveis possibilitavam a ocorrência de experiências inclusivas.

O estudo comparativo listou, primeiramente, os recursos assistivos mais frequentes em museus: recursos de acessibilidade motora, como rampa e elevador; existência de banheiros acessíveis; pessoal treinado na portaria e áreas públicas; legendas em braile para informação de acesso e identificação de serviços e para veiculação das informações de obras e material em exposição, audiodescrição de obras, piso tátil, esquemas e maquetes táteis e mediadores treinados, inclusive para comunicação por meio de língua de sinais. Estes recursos foram registrados em tabelas com base na observação feita anteriormente no MCCB pela orientadora do trabalho. Os museus brasileiros selecionados para a observação foram o Museu do Futebol e Pinacoteca, ambos em São Paulo e o Museu da Cidade de Porto Alegre, nesta própria cidade. Estes três museus apresentam recursos acessíveis e informam no seu material institucional que atendem ao objetivo da inclusão. Enunciam-se como museus acessíveis. Assim, a escolha desta amostragem partiu do fato de que estes museus são recorrentemente usados como exemplos quando, no Brasil, se trata do tema acessibilidade. Assim, a visita técnica feita a esses três museus implicou em observar e preencher uma ficha de registro sobre os recursos já listados e outros, como a existência de cadeiras de roda, lugar para descanso, vaga de estacionamento para deficiente e local para o cão guia. Esse primeiro levantamento forneceu os dados para responder à pergunta se os museus analisados poderiam receber, com as condições que ofereciam, públicos com diferentes características sensoriais e de mobilidade, proporcionando-lhes as mesmas possibilidades de fruição.

Com os resultados desse levantamento e de pesquisa em fontes bibliográficas e websites, feita paralelamente aos levantamentos nos museus, foi elaborado um rol de possibilidades a serem desenvolvidas por uma equipe multidisciplinar. Os resultados foram: projeto de expositores acessíveis planejados a partir da aplicação dos princípios do desenho universal, trabalhos de audiodescrição expressiva, planos de maquetes táteis, estudo de contraste de cores para ambientes, estudo de tamanho de fontes para informação museal, estudo de percurso, estudo de disposição de elementos expográficos e textos em leitura fácil. Sobre os expositores, o planejamento resultou em cinco propostas que foram apreciadas por diferentes públicos e submetidas à votação. Um dos testes foi feito com grupo de possíveis usuários (pessoas com deficiência visual) e com este, o foco foi para a escolha do mobiliário por contrastes cromáticos, com a finalidade de otimizar a visibilidade.

Além da questão física desse espaço expositivo, toda a exposição foi pensada de forma acessível, desde a seleção de fotografias a serem expostas, até o esquema tátil e sua audiodescrição.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O resultado desta pesquisa contribui para o projeto de uma exposição inclusiva. Foi observado que há propostas de exposições com recursos assistivos em museus, mas que esses não se tornam inclusivos por tê-las, porque não atingem um desempenho inclusivo. No caso da exposição projetada a partir do estudo descrito, os objetos e o conteúdo do trabalho a ser exposto - a trajetória do prédio do Frigorífico desde sua construção até o seu fechamento e posterior compra pela Universidade Federal de Pelotas para servir de campus universitário – oferecia dificuldades e já havia algumas facilidades a serem aproveitadas.

A reforma recente pela qual passou o prédio equipou-o com recursos acessíveis. No entanto, o projeto dos expositores teve que ser adequado ao espaço disponível. Tratando-se de uma exposição de fotos, tornar o conteúdo acessível demandou relacionar mais de um recurso assistivo. Assim, trabalhou-se cada imagem com audiodescrição e produziram-se esquemas táteis para as fotos que permitiam ter seus planos traduzidos em linhas e contornos reconhecíveis pelo tato. Os áudios com descrição dessas fotos foram editados por um colega cego. A edição feita por ele baseou-se nas possibilidades auditivas que um cego tem quanto à distinção de sons. O recurso para baixa visão mais eficiente encontrado foi o tamanho da imagem e da fonte do texto. Todos os textos foram adequados para a maior visibilidade, tanto com contrastes de cores como pela escolha da fonte.

Os resultados desse trabalho são aplicados de forma a ampliar a integração dos públicos com deficiência e não deficientes e ao mesmo tempo propor que a Universidade reconheça a necessidade de aportar recursos em seus museus no sentido de aparelhá-los para a recepção de grupos diversos.

4. CONCLUSÕES

A presente investigação contemplou refletir sobre o que faz uma exposição ser inclusiva, entendendo-se que inclusão é o resultado de um ambiente que permite que pessoas com possibilidades diferentes possam estar vivendo-o de forma completa ou na sua extensão máxima. Para tanto objetivou-se observar o desenvolvimento das ações em espaços de recepção ao público dentro de museus a partir do conceito de inclusão e da aplicação do conceito de Desenho Universal, concluindo sobre quais as estratégias podem ser mais adequadas para as instâncias de recepção, comunicação e promoção do conhecimento atingíveis por todos.

Uma exposição que é capaz de potencializar o repertório estético, sensível e expressivo de todas as pessoas, é um lugar possível para a experiência inclusiva. Assim, o trabalho se constituiu em um esforço em analisar os recursos que tenham como finalidade central a acessibilidade total, empregando critérios de comunicação inclusiva, experiência multisensorial, proposição ou aprofundamento do conhecimento em áreas especificadas.

Concluiu-se que o tema acessibilidade é um caminho para promover a inclusão e que a deficiência não está mais localizada, a partir desta concepção, na pessoa, mas no ambiente que não disponibiliza acessibilidade. Este trabalho também pretende conscientizar o seu público e a instituição onde está sendo desenvolvido a dar continuidade em ação e aplicações do desenvolvimento de técnica, tecnologia e formação de recursos humanos voltados para inclusão e acessibilidade.

Portanto, essa pesquisa teve o objetivo de minimizar a exclusão, buscando no princípio do Desenho Universal um caminho para a integração social dos grupos

vulneráveis em um ambiente expositivo. Se as metas propostas forem atingidas, deve-se fomentar a igualdade por meio da recepção simultânea e não discriminada de diferentes públicos e estimular os estudos de recepção continuada a grupos a margem da cultura e da ciência em face de dificuldades originadas pela deficiência.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORREA, Celina Maria Britto; MICHELON, Francisca. Expografia Acessível: Estudo de suporte expográfico com desenho universal. **Memória em Rede**, Pelotas, v. 3, n. 9, 2013. <<http://www.ufpel.edu.br/ich/memoriaemrede/beta-02-01/index.php/memoriaemrede>>. Acesso em: 9 out. 2013.

MACE, Ronald; HARDIE, Graene; PLACE, Jaine. Accessible environments toward Universal Design. In PREISER, W.; VISCHER, J. C.; WHITE, E. T. (Eds.). **Design interventions: toward a more humane architecture**. New York: Van Nostrand Reinhold, 1991.

MICHELON, Francisca Ferreira. **Sociedade Anônima Frigorífico Anglo de Pelotas: o trabalho do passado nas fotografias do presente**. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, Editora e Gráfica Universitária, 2012.